

## **RÁDIO DIFUSORA ACREANA: DISCURSO OFICIAL E DISCURSO DE RESISTÊNCIA ENTRE OS ANOS 1971 E 1981**

*Jefferson Henrique Cidreira<sup>52</sup>*

*Francisco Bento da Silva<sup>53</sup>*

### **RESUMO**

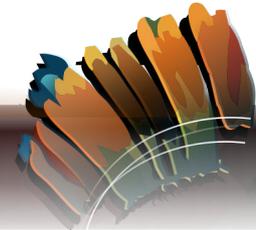
Neste artigo, pretendemos fazer um estudo em torno da Rádio Difusora Acreana (RDA) no Estado do Acre; precisamente na Rádio como um aparelho difusor de ideologias, de discursos carregados de interesse e de poder. Foi através dos discursos proferidos pelos meios de comunicação, em destaque a RDA que, foi usada durante anos para a veiculação dos discursos dos governantes acreanos e, por conseguinte, discursos de resistência que iam contra os interesses do governo. Para tal estudo, utilizaremos como aporte teórico/metodológico as pesquisas sobre o rádio de Lia Calabre, Francisco de Moura Pinheiro; os pressupostos da História Oral de Alessandro Portelli e Montenegro; além de alguns pilares da Análise do Discurso francesa, como Michel Foucault e Mikhail Bakhtin; e entrevistas e depoimentos de funcionários da RDA. As fontes teóricas/metodológicas e orais acima citadas nos permitirão fazermos um estudo conciso sobre este meio de comunicação de massa no Acre, possibilitando evidenciarmos o uso da rádio como meio disseminador da ideologia dominante e, como a rádio passa a veicular discursos de resistência as oligarquias e governantes acreanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso oficial, Rádio Difusora Acreana, Rádio, Discursos de resistência, Acre.

---

52 Professor do quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Acre; Gestor na Escola Municipal Boa União; formado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre; acadêmico do curso de Letras/ Inglês pela referida Universidade; Pós-Graduado em Planejamento e Gestão pela Universidade de Várzea Grande do Rio de Janeiro e Mestre em Letras na linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade pela UFAC.

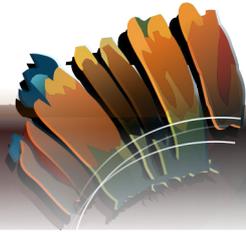
53 Professor Doutor permanente do Departamento de História e do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Acre – UFAC.



## ABSTRACT

In this article, we intend to make a study about the Rádio Difusora Acreana (RDA) in the State of the Acre; precisely on the radio as diffusing ideologies device, loaded with discourses of interest and of power. Was through the discourses speaks for the means of communication, highlight on the radio that, was used for years for the propagation of the discourses from the Acre rulers and, so, resistance discourses that went against the interests of the government. For such study, we will use as main theoretical/methodological the research about the radio from Lia Calabre, Francisco de Moura Pinheiro; the presuppositions of the Oral History from Alessandro Portelli and Montenegro; apart from some pillars of the Analysis of the French Discourses (AD) as Michel Foucault and Mikhail Bakhtin; interviews and depositions of employees of the Radio. The theoretical/methodological and oral sources will allow us to make a concise study about this mean of mass communication in Acre, making it possible for evidence the use of the radio as disseminating middle of dominant ideology and as the radio starts vehicle resistance discourses to the Acre oligarchies and rulers.

**KEYWORDS:** Official discourse, Rádio Difusora Acreana, Radio, Resistance discourses, Acre.



## INTRODUÇÃO

**D**estacaremos aqui como objeto de estudo ou como objeto desta análise os discursos políticos proferidos, nos meios de comunicação, pelo governador Francisco Wanderley Dantas, que governou o Estado do Acre de março de 1971 a março de 1975. Como tais discursos vinham para legitimar o novo projeto político imposto ao Estado: a pecuarização.

Teremos como fio condutor para a análise alguns pilares da Análise do Discurso (AD), como Mikhail Bakhtin, Louis Althusser e Michel Foucault, além de outros teóricos de mesma importância, que permitirão elucidar os discursos que permeavam o cenário da cidade de Rio Branco, enfim, do Acre. Vale destacar o papel dos teóricos aqui referidos. Bakhtin, Althusser e Foucault nos foram apresentados como teóricos relevantes para a Análise do Discurso, não obstante tratarem as relações de poder que envolvem a sociedade, cada um à sua maneira.

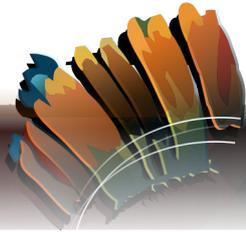
De Mikhail Bakhtin trouxemos a contribuição dos aspectos ideológicos que move o contexto social e histórico de uma realidade específica. Conforme o teórico,

[...] A forma linguística sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades omitidas, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 1995, p. 95).

Por sua vez, Michel Foucault em *Microfísica do Poder* (1979) trata das relações de poder num âmbito social mais estreito, destacando as funções do “olho do poder” em algumas Instituições do Estado como os hospitais, a medicina, o papel dos intelectuais na sociedade e as relações entre verdade e poder.

Antes, vale à pena revisitarmos os conceitos de ideologia e de hegemonia para compreendermos a ótica dos discursos trabalhados nesta dissertação. Segundo Chauí (2006), a ideologia é:

Um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar; o que devem valorizar e como devem valorizar; o que devem sentir e como devem sentir; o que devem fazer e como devem fazer (CHAUÍ, 2006, p. 109).



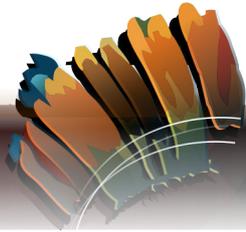
Para Chauí (2006), tal definição remonta a um outro significado importante para que esses desejos de controle e de dominação sejam bem sucedidos e inquestionáveis, ou seja, para que a ideologia da classe dominante seja assegurada perante as demais classes sociais: a hegemonia.

Marilena Chauí traz a hegemonia como sendo a interiorização da ideologia dominante [seus ideais, valores e interesses] e sua aceitação passiva na consciência das demais pessoas e as classes sociais às quais pertencem. Segundo ela, revisitando as ideias de Gramsci, hegemonia passa a ser definida como “um conjunto de idéias e de valores concatenados e coerentes, aceitos por todos os que são contrários à dominação existente e que imaginam uma nova sociedade, que realize essas ideias e valores” (CHAUÍ, 2006, p. 97).

Dessa forma, segundo Chauí (2006), a classe não dominante passaria a aceitar passivamente as ideias, os interesses e valores da classe no poder, com a ilusão de que a ideologia dominante [a da classe no poder] vem cuidar e representar os interesses das demais classes de uma sociedade.

Voltando ao tema principal, trazemos Bakhtin, que em sua teoria coloca a língua como sendo um signo social, ou seja, o signo é inseparável de um contexto sócio-histórico e ideológico, e, logo, influenciado por eles. Para Bakhtin, de acordo com Marina Yaguello em sua introdução da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “a palavra é o signo ideológico por excelência” (BAKHTIN, 1995, p. 16), ou seja, Bakhtin, em sua teoria, traz a língua como sendo um produto social, ou sendo mais preciso, o signo (palavra) como social e ideológico, como podemos ver aqui: “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, [...], tudo que é ideológico é signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 1993, p.31). Observamos que a palavra, na acepção bakhtiniana, “se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (BAKHTIN, 1995, p.66).

A assertiva bakhtiniana destaca o processo de interação determinante nos discursos elaborados durante o governo Dantas. Portanto, após a elucidação de alguns pressupostos e conceitos-chaves, que nos permitirão uma maior clareza, ou melhor, nos nortearão ao caminho que queremos chegar, encontraremos aqui, nessas anunciações, discursos carregados de “signos ideológicos” inseridos no contexto histórico da sociedade acreana entre os anos 1971 e 1981. E o uso destes para influenciar e, como estes também foram influenciados em determinado instante.



## DISCURSO OFICIAL VERSUS DISCURSO DE RESISTÊNCIA ENTRE OS ANOS 1971 E 1981

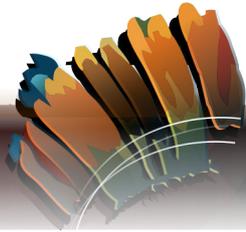
**D**e 1971 a 1975, foi o período do mandato do governador Francisco Wanderley Dantas, que fora nomeado pelo então presidente Garrastazu Médici e pertencia ao partido político ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido este de apoio à ditadura militar, já que havia nessa época apenas dois partidos, a ARENA e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

Segundo Souza (1998), nessa época a ditadura militar estabelece um novo “projeto” para o desenvolvimento da Amazônia, gerando uma política de integração à Amazônia, sob os *slogans* “de integrar para não entregar” e “levar homens sem terra para uma terra sem homens”, criando um conjunto de programas políticos destinados a atrair grandes empresários da região centro-sul, como o próprio autor afirma:

Em agosto de 1971, a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) elaborou um Plano de Desenvolvimento da Amazônia, sendo o primeiro a ser executado entre os anos de 1972 a 1974. Os seus objetivos principais eram: promover o progresso de novas áreas e a ocupação de áreas vazias. O primeiro plano preferiu implantar na Amazônia grandes fazendas de gado em favor dos ricos empresários [...] (SOUZA, 1998, p. 201).

Ainda segundo o pressuposto de Souza (1998), Dantas adotou como estratégia econômica a pecuarização do Estado, com seu ideal de modernizar o Acre, trazer o “progresso” ao Estado. E essa já dava seus “sinais” de presságio em nossa região, pois o jornal *O Rio Branco* já “anunciava” esses “sinais”, que, no entanto, poderão ser interpretadas de acordo com outras visões:

Industriais paulistas viajarão para Rio Branco nos primeiros dias de janeiro com o objetivo de verificar as potencialidades econômicas no Acre. A iniciativa é o resultado de recente visita que o governador acreano, Sr. Wanderley Dantas, fez a São Paulo. Quatro grupos empresariais já acertaram a viagem, que está sendo coordenada pelo assessor especial do governo do Acre em São Paulo, economista Isaac Emídio Santos. Entre os grupos que integrarão a caravana está o Banco Brasileiro de Desconto- BRADESCO que vai instalar em Rio Branco uma agência bancária e uma escola com capacidade para 500 alunos. Vai também estudar a possibilidade de execução de um projeto agropecuário [...] Para o economista Isaac Emídio a viagem dos empresários representa um passo decisivo para o desenvolvimento do Acre (que em 1972 comemora



10 anos de sua elevação a Estado) e procura concentrar esforços para captação de recursos da região centro e sul do país. O ano de 1972 - afirma Isaac Emídio - será importante para a “conquista da independência econômica do Acre, que deseja libertar-se de uma economia baseada essencialmente no extrativismo<sup>54</sup>.

Não dá para deixar de notar que o discurso acima referido é oriundo de um grupo de poder que, de certa forma, deu sustentação às oligarquias que se firmavam no Estado, formados, basicamente, por pecuaristas, latifundiários e demais grupos poderosos da sociedade acreana.

Essa pecuarização, na acepção de Souza (1998), era desejo do governador Wanderley Dantas, que começa a receber incentivos fiscais do governo federal e também do governo Estadual. Assim Dantas abria as “portas” do Acre aos empresários do centro-sul, que compraram terras mais baratas dos seringalistas falidos. Dantas utilizava-se do dinheiro do próprio Estado, tirando-o do BANACRE (Banco do Estado do Acre) para financiar e atrair os grandes empresários. Como afirma Souza:

[...] Dantas oferecia aos empresários os seus incentivos estaduais, utilizando-se do dinheiro do BANACRE para financiar a criação de gado, colocando à disposição dos fazendeiros os serviços de setores do governo estadual para a elaboração de projetos agropecuários (SOUZA, 1998, p. 203).

Na visão de Souza (1998), Wanderley Dantas com esse novo elemento econômico prometia “progresso” ao povo acreano, com seus slogans de: “*Novo Acre agora a independência econômica*”. Ou ainda como descreveu Marcílio Ribeiro Santana:

Acre, a nova Canãã.  
Um Nordeste sem seca, Um Sul sem geadas,  
Invista no Acre e exporte pelo Pacífico (SANTANA, 1988, p. 150).

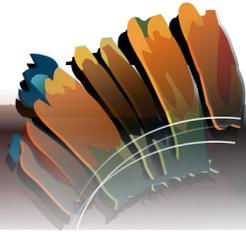
Vale ressaltar, que o slogan “*Acre a nova Canãã*” fazia parte de uma campanha publicitária ampla que circulou em todos os jornais do Brasil, segundo o professor Gerson Rodrigues de Albuquerque, reapropriada e utilizada por alguns autores só para sacanear o Dantas<sup>55</sup>.

Segundo Souza (1998), houve o uso das mídias para o discurso atrativo e ideológico de Dantas tendo como público alvo os grandes pecuaristas. Segundo ele:

Wanderley Dantas fez enorme propaganda, em rádio e televisão, dentro e fora do Estado do Acre para atrair os fazendeiros. „Pro-

54 Jornal O Rio Branco, 15 de janeiro de 1972, nº 452, p. 3.

55 Apontamento feito pelo professor Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque por ocasião da defesa desta dissertação, no dia 16 de agosto de 2013.



duzir no Acre, investir no Acre, exportar pelo Pacífico era o que dizia Dantas para incentivar os empresários a aplicar dinheiro na região acreana (SOUZA, 1998, p. 201).

Entretanto, vale ressaltarmos que a propaganda realizada pelo governo Dantas foi além da afirmativa de Souza (1998) acima citada, pois não atraiu somente os grandes empresários, mas também, pessoas de classes sociais mais baixas que visavam melhores condições de vida e de enriquecimento fácil, o que não observamos nos dizeres de Souza. Assim como podemos notar na fala de um migrante paranaense que foi atraído pela propaganda do governo Dantas. Segundo ele, era muito comum se falar desse modo no Paraná àqueles que estavam decididos a vir ao Acre: “vamos ensinar o que eles sabem e tomar o que eles têm”<sup>56</sup>. Essa frase era muito comentada por essas pessoas atraídas pelas propagandas do governo Dantas.

Desta maneira, torna-se evidente o rádio como “um excelente meio de propaganda ideológica” (CALABRE, 2004, p. 18), usado como um aparelho ideológico de Estado para veicular seus discursos e interesses.

Logo, observamos tais discursos, segundo Bakhtin (1995), marcados pelas relações de dominação e resistência, de conflitos, marcados pela busca de reforçar o poder, ou ainda, conforme afirma Foucault, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

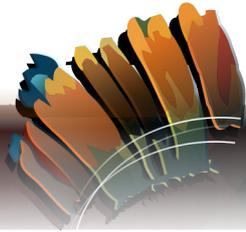
Portanto, cada vez mais se tornava evidente a utilização da rádio, especialmente a Rádio Difusora Acreana, para a circulação desses discursos carregados de interesses e desejos dos governantes acreanos. Via-se este meio de comunicação como um Aparelho Ideológico de Estado, o qual é definido claramente pelo teórico francês Louis Althusser.

Segundo ele, Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) são:

Um certo número de realidades que apresentam-se (sic) ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas [...] podemos, pelo momento, considerar como aparelhos ideológicos de Estado as seguintes instituições (a ordem de enumeração não tem nenhum significado especial): AIE religiosos (o sistemas de diferentes igrejas), AIE escolar (o sistemas de diferentes “escolas” públicas e privadas) [...] AEI de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc.) [...] (ALTHUSSER, 1985, pp. 67-68).

Observamos assim a rádio como esse instrumento, um AIE, com o intuito de disseminar, tornar hegemônico o discurso de “progresso” dos

56 Depoimento do senhor Saint Clair Cidreira, migrante paranaense, Rio Branco, 2006.



governantes para a região acreana.

Segundo a Revista *Novo Acre*, o que interessava para o governo Wanderley Dantas era a “integração do Acre ao restante do território pátrio, estimulando a diversificação da economia acreana pela introdução de novas técnicas e outras atividades, e não apenas as relativas à borracha e a castanha”<sup>57</sup>.

E esse chamamento, essa facilidade para a vinda dos investidores do centro-sul para a região acreana com a intenção de estabelecer suas atividades econômicas, determinou a dita vinda do “novo”, ou seja, com projetos e execuções de hotéis, estradas, estações rodoviárias, então, na visão do governo, o Acre ganharia com isso desenvolvimento e “progresso”. Por conseguinte, segundo Wanderley Dantas:

Diante do visível declínio de sua principal fonte de renda, a borracha, constituiu de fato, o motivo básico da permanente preocupação do governo em intensificar os programas de apoio ao setor agropecuário, consciente de sua importância determinante na construção do progresso sócio-econômico do Acre e sua consequente integração na economia nacional<sup>58</sup>.

A Rádio Difusora Acreana (RDA), assim como em outros meios de comunicação, também era “controlada” pelo Estado; dizemos isso não por ela ser simplesmente uma Rádio estatal, mas pela censura pregada pela ditadura militar.

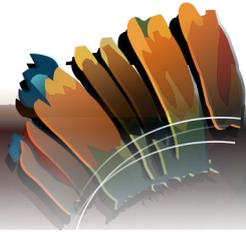
Em entrevista concedida pelo radialista José Francisco de Melo Filho, que trabalha na rádio desde outubro de 1962, popularmente conhecido como Zezinho Melo, ele é enfático ao relatar sobre a censura que os funcionários sofriam nos anos de “chumbo” da ditadura militar:

Aqui na Rádio, éramos visados pela Polícia Federal, não podia sair músicas de Caetano Veloso, aquela música „sou louco por ti América”, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Maria Betânia, aqueles cantores daquela época, todos eles foram mal vistos pela ditadura militar e se a gente rodasse, o operador não soubesse, era chamado na polícia federal e tinha que se explicar porque rodou aquela música que estava censurada<sup>59</sup>.

57 Revista *Novo Acre*, s/d, p. 5.

58 8ª Sessão do Simpósio de História do Acre governo: Wanderley Dantas.

59 Entrevista com o radialista Zezinho Melo, Rio Branco, 23/10/2012, realizada pelo autor.



Zezinho Melo relata ainda que foi a partir desse momento que a Polícia Federal passou a enviar para a rádio uma lista contendo as canções que não podiam ser tocadas. O próprio governo estadual também censurava músicas ou práticas que fossem de encontro aos interesses do Governo Militar. A entrevista de Zezinho Melo mostra que estamos no âmbito da História Oral. De acordo com Alessandro Portelli, a essencialidade do indivíduo “é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social” (PORTELLI, 1997, p. 16). É nesse sentido que devemos entender a entrevista de Zezinho Melo, para quem:

A partir daí a polícia militar enviou um documento à Rádio Difusora dizendo quais as músicas e cantores que não poderiam tocar aqui na Rádio Difusora Acreana. [...] O governo [Estadual] da época também, ele não deixava que tocasse esse tipo de música e ninguém falasse contra o próprio governo [...]<sup>60</sup>.

A própria localização da RDA, próxima ao Palácio do Governo, já remontava desde sua fundação, a ideia de fiscalização, vigiar esse espaço para que fosse usada de acordo com seus interesses.

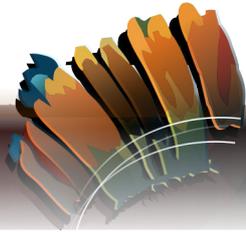
Assim, como nos remonta a questão do Panóptico de Jeremy Bentham retomado por Foucault, o qual o observa como um instrumento, uma ferramenta de vigilância que permite que os guardas possam vigiar eficientemente e constantemente o comportamento dos encarcerados. Logo o autor afirma que:

O Panóptico [...] permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido [...] Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído [...] Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem, assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é [...] que as pessoas se encontrem presas numa situação e poder de que elas mesmas são as portadoras [...] o essencial é que elas se saibam vigiadas (FOUCAULT, 2009, p. 170).

Essa ideia “panóptica” é análoga ao pensamento expresso por Zezinho, ao dizer que “nesse reduto aqui, Difusora e Palácio, a gente era vigiado a todo momento”<sup>61</sup>. Além disso, havia também as frequentes visitas à estação da RDA, e os incessantes pedidos, ou melhor, as ordens dos governantes que passaram pelo Palácio, estabelecendo o que podia e não podia fazer, dizer, dentro de seu espaço, em suas programações.

60 Entrevista com o radialista Zezinho Melo, Rio Branco, 23/10/2012, realizada pelo autor.

61 Idem.



A pecuarização era a idealização dos planos do governo, já que era de seu interesse a vinda de grandes empresários do centro-sul do país, pois assim, segundo suas pretensões e sonhos, esse novo elemento político e econômico traria ao Acre o desenvolvimento e o tão sonhado “progresso”.

Contudo, o que realmente trouxe foi o “caos”, o “banho de sangue” pelas disputas de terra entre esses empresários, com a ajuda do governo, contra os posseiros. Por isso, o que eram veiculados, os discursos políticos desse período, começaram a encontrar focos de resistência por boa parte da população acreana, fazendo com que a censura nos meios de comunicação e na cidade de Rio Branco fosse intensificada, uma vez que a repercussão com o advento da chegada dos “paulistas” foi negativa para os governantes.

A entrevista com Zezinho é elucidadora, a respeito da grande repercussão causada nos anos 1970 com a chegada “dessas pessoas”. Segundo ele:

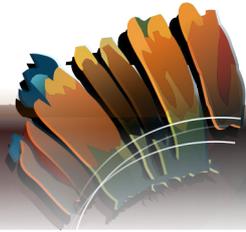
Teve uma repercussão muito grande, porque veio muita gente de fora e o acreano não era acostumado com as pessoas vindas de fora. E a partir daí teve assim receio por parte de muitos acreanos, principalmente políticos. [...] e com isso, teve em determinados momentos, conflitos, né? De seringueiros com essas pessoas que chegavam pra expulsar de suas terras [...]<sup>62</sup>.

Com isso, começamos a perceber aquilo que Hall nos propõe em seu livro, *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, onde o desejo daqueles que detêm o poder de serem compreendidos de acordo com seus interesses, ou seja, o desejo de que o significado dado às suas mensagens venha a se tornar hegemônico, não terá apenas um significado, pois a audiência, os ouvintes, as pessoas que trabalham na rádio não são assim totalmente passivas. Logo, torna-se impossível o discurso ser hegemônico:

[...] Ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida. Trata-se de um tipo de sonho de poder - nenhum chuva na tela, apenas a audiência totalmente passiva. Ora, o problema pra mim é que não creio que a mensagem tenha somente um significado (HALL, 2003, p. 366).

---

62 Entrevista com o radialista Zezinho Melo, Rio Branco, 23/10/2012, realizada pelo autor.



Isso é bem visível nas manifestações feitas por estudantes acreanos, seja por marchas organizadas de protesto contra o regime político em vigor, contra o abuso das passagens de ônibus na cidade de Rio Branco, seja como a tentativa de invadir a rádio e usar os microfones por conta da “tomada de partido” (já que os funcionários eram obrigados a noticiar a favor do governo, e não tocar as músicas que iam contra os interesses vigentes), seja na reação contra o aparelho repressor estatal: a polícia.

Como sabemos, “a História Oral tem como matéria a memória, que pode vir à tona através de estímulos diretos, que comumente denominamos de memória voluntária” (MONTENEGRO, 2001, p. 151). É nessa acepção que descrevemos uma conversa com Nilda Dantas, em que a locutora destaca que ela e outros estudantes se reuniam dentro do colégio CERB, seu “QG”, e ela cheia de pedras em sua saia e juntamente com seus colegas começavam a jogá-las nos carros da polícia. Como também nos pequenos, porém significativos, focos de resistência dentro da RDA, ou seja, na irradiação de músicas proibidas ou em manifestar suas opiniões.

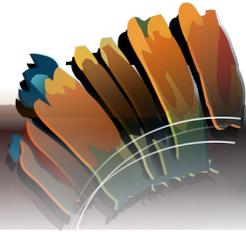
Zeinho nos fala claramente que em suas “reuniões”, conversas com seus colegas de rádio, conversas em *off*, era clara a opinião entre eles de serem totalmente contra esse regime político e a censura que era imposta no serviço de telecomunicação e a eles também, “tinha que ficar calado, acho que não só eu como outros também, porque a rádio toda vida foi do governo, então a gente ia pra rua”<sup>63</sup>.

No decorrer de nossa conversa, percebemos que ele teve um certo tipo de dificuldade para se lembrar de nomes, datas, principalmente as reações por parte de seus colegas, porém não sabemos se por receio, já que ainda observamos esse controle do Estado, mesmo não estando em épocas de ditadura militar.

Assim, como pequenos clarões na mata, ou como em noites escuras onde os vaga-lumes pontilham e cortam a escuridão, percebemos os pequenos focos de resistência que brilhavam no espaço da RDA naqueles anos de ditadura. Esses pequenos focos, antes invisíveis, começavam a se tornar visíveis nas tomadas de atitudes de seus funcionários, na defesa de suas opiniões e posições.

Zeinho Melo, ao ser questionado se era contra ou a favor da ditadura, responde prontamente e expressa sua opinião contra esse regime político imposto no Brasil, iniciado no ano de 1964 e que perdurou até meados dos anos de 1985.

63 Entrevista com o radialista Zeinho Melo, Rio Branco, 23/10/2012, realizada pelo autor.



Ele vai além, quando diz que apesar da alta fiscalização por parte do governo à RDA, ele e alguns de seus colegas tomavam para si esses discursos de resistência existentes nessas músicas e ao se apropriarem delas, proferiam como seus discursos, discursos de reação, atuando contra os discursos oficiais. Assim como notamos na afirmativa que Travaglia faz. Segundo o autor, o que o indivíduo faz ao usar “a língua não é somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)” (TRAVAGLIA, 1997, p. 27).

Nas transmissões da rádio, eram comuns as práticas de apresentar as pessoas que compunham o programa, e associar a elas, músicas de sua escolha, como destacou Zezinho:

Tinha determinado locutor que tinha uma música, cada um tinha uma música, por exemplo, eu anunciava: lá nos transmissores o fulano de tal [aí tocava] „eu sou o negro gato de arrepiar ; [...] Na técnica é fulano de tal e colocava uma música e, quando me anunciaram eu coloquei aquela música „soy loco por ti América , entendeu? Aí foi que o bicho pegou, me chamaram lá entendendo se eu não sabia que era proibido rodar e eu disse: eu não sabia, mas quem é que não sabia? Todo mundo sabia, era a música que a gente tinha relação<sup>64</sup>.

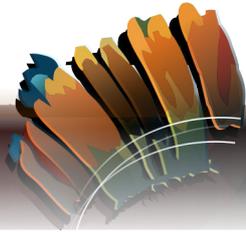
Como vimos, a História Oral tem como matéria a memória, e a memória do radialista Zezinho Melo faz referência a composições de Torquato Neto, Gilberto Gil e Capinan, *Soy Loco por ti, America*, em homenagem ao guerrilheiro “Che” Guevara, e foi fortemente utilizada como discurso popular contra a ditadura militar, como enfatizado em alguns trechos de uma dessas músicas:

[...] soy loco por ti america soy loco por ti de amores  
el nombre del hombre muerto ya no se puede quem sabe antes que  
o dia arrebente  
el hombre del hombre muerto antes que a definitiva noite  
se espalhe em latino América  
el nombre del hombre és pueblo soy loco por ti américa  
soy loco por ti de amores espero a manhã que cante  
el nombre del hombre muerto não sejam palavras tristes  
soy loco por ti de amores um poema ainda existe  
com palmeiras com trincheiras canções de guerra quem sabe  
canções de mar hay hasta te comover [...]<sup>65</sup>.

Além dessa forma de resistência, outra também foi muito comum, a tomada de posição nos programas de noticiários da RDA por alguns radialistas contra o discurso do governo de desenvolvimento e “progres-

64 Entrevista com o radialista Zezinho Melo, Rio Branco, 23/10/2012, realizada pelo autor.

65 “Soy Loco por ti America” é uma canção composta por Gilberto Gil, Torquato Neto e José Carlos Capinan, em 1966, para Caetano Veloso, que a gravou em seu primeiro disco, lançado em 1968.



so”, no advento da pecuarização do Acre.

Os conflitos de terras desencadeados pelos “paulistas” e pelo governo também eram noticiados, mesmo sendo de uma maneira mais branda, ou até mesmo por “debaixo dos panos”, como destaca Zezinho Melo:

Eles [seringueiros] vinham aqui, passavam suas mensagens, suas correspondências, suas missivas, as cartas que eles mandavam chamavam-se missivas, denunciando o que estava acontecendo, a expulsão deles do seringal [...] Sim, anunciamos, eu, o Natal de Brito, o próprio Mota de Oliveira, trabalhava aqui com a Rádio Difusora Acreana, o Cícero Moreira, né? O Altemir Passos, que sempre foi uma pessoa íntegra, pessoa que gostava na realidade de falar, com sua própria opinião, por isso mesmo era uma das pessoas que muita gente pegava no pé<sup>66</sup>.

Com essa tomada de posição contra o governo, discursos divergentes, muitas vezes, ocorreu uma maior intensificação da censura e também das punições sobre os profissionais da RDA. Zezinho é taxativo em citar nomes daqueles que foram afastados por proferir discursos contra o governo. Segundo ele:

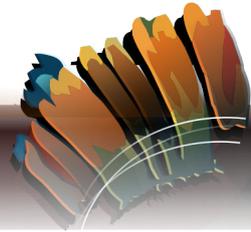
Teve determinado colega que foi censurado por governos aí, por motivos de algumas notícias que foram dadas. Eles pensavam que era jogar de encontro o governo contra o seringueiro e o seringueiro contra os que vieram tomar a terra. [...] O Altemir Passos foi um dos afastados, o Estevão Bimbi, em determinado momento, falou algumas coisas e foi embora [...] 14.

Nesse período a maioria das programações era irradiada ao vivo, e por conta desses discursos contra o governo os próprios governantes começaram a se utilizar de meios para terem um maior controle sobre as enunciações dos locutores da RDA, utilizando-se de rádio escutas, e, depois, a suspensão de programas de noticiários ao vivo e passando a utilizar o aparelho conhecido como Rádio-censura, o qual gravava todos os programas, que eram escutados e cortados, quando necessário, antes de irem ao ar.

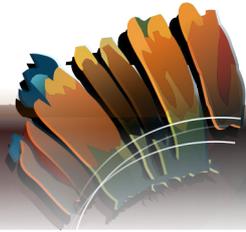
A partir daí quando nós começamos a divulgar isso aí [notícias contra o governo], eles colocaram serviço de rádio-escuta, onde é o serviço de rádio do Governo, onde hoje é o Memorial [...] Tinha pessoas do governo que ficavam na escuta, tiravam do ar, chamavam, né? [...] tiravam a pessoa<sup>67</sup>.

66 Entrevista com o radialista Zezinho Melo, Rio Branco, 23/10/2012, realizada pelo autor.

67 *Idem*.



Dando continuidade à nossa conversa, Zezinho muda sua expressão tensa para uma expressão facial mais branda, calma, sentimentos de alívio que deixava transparecer. Zezinho Melo então finaliza a nossa conversa com essas palavras: “Não passe pelo que nós passamos aqui”. Palavras de quem sofreu muito com a censura, e que guardou em sua memória resquícios e detalhes relevantes, ainda que fragmentados, dos processos difíceis da ditadura militar no âmbito da radiodifusão acreana.



## REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

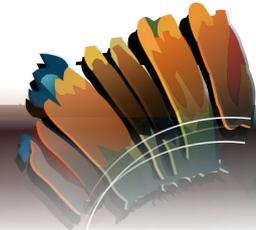
\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 36ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (org.) Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MORHY, Annete e FERREIRA, Jaqueline. “*Cálice – A música e as relações de poder*”. In VI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte-Intercom Norte, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/r0053-2.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2012.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História oral*. In Projeto História: Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da PUC-SP, 1997



SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **15 textos de História da Amazônia**. Rio Branco: UFAC, 1998.

SANTANA, Marcílio Ribeiro. Os **“Imperadores do Acre”**. Uma história da recente expansão capitalista na Amazônia Ocidental: Contribuição à história da recente expansão capitalista na Amazônia. Brasília, UNB, 1988.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.

### **Fontes Orais**

CIDREIRA, Saint Clair. Migrante paranaense. Relato concedido em novembro de 2006.

MELO FILHO, José Francisco. Radialista da Rádio Difusora Acreana. Entrevistas cedidas em: 25 de novembro de 2006; e 23 de outubro de 2012.